

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS


ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

Dicionário das Crises e das Alternativas



DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n^{os} 76, 78 e 79
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almедина.net · editora@almедина.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

Literatura

A literatura, como toda a arte, pergunta com rigor pela vida, pela sociedade e pela cultura. Mas não lhes serve de alternativa, muito menos em tempo de crise. O neo-realismo português, mais inspirador do que interventivo, é um excelente exemplo disso mesmo.

No início do século XX, os modernistas portugueses distinguem a poesia da literatura, uma distinção que nada tinha a ver com a que distingue o verso da prosa. Poesia era a arte suprema da escrita criativa, a vanguarda artística, a luz da desocultação do novo, o desassossego da existência. Literatura, pelo contrário, era a reescrita do existente a uma luz alheia, dela cativa como uma borboleta, por isso reconfortante, mesmo quando porventura problematizante. Distinguiam-se, assim, os poetas dos lepidópteros.

Nos últimos anos, em Portugal, particularmente depois da crise que levou à intervenção da troika, assiste-se ao recrudescimento de uma literatura humorística, que acaba por ser reconfortante. Os autores de *cartoons* e do *Portugalex*, por exemplo, partilham diversão à custa dos governantes, porém evitando sabiamente a sátira mais feroz. E o povo ri-se e desopila. Os políticos da Roma antiga inventaram o estratagema de alimentar o povo e mimá-lo com jogos circenses para lhe sustar a revolta: “pão e circo”. Enquanto na crise os portugueses se vão também divertindo com o circo, a poesia (no sentido que lhe deram os modernistas) continuará a desassossegar as almas.

Maria Irene Ramalho

Nota: A pedido da autora, esta entrada mantém a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

Luxo

Numa primeira abordagem, o luxo pode ser identificado como a característica atribuída a determinados bens e serviços cujo acesso exige níveis de rendimento elevados por parte de indivíduos e grupos que, pela sua posse e usufruto, adquirem um estatuto elevado que é fonte de distinção social. Alargando a nossa definição, temos de inserir o luxo no contexto das sociedades contemporâneas perspetivadas enquanto sociedades de consumo. O luxo associa-se a determinados estilos de vida de um conjunto minoritário da população, mesmo que seja objeto de referência para aspirações e desejos de um conjunto mais vasto de indivíduos.

Como vários cientistas sociais têm explicado, a dinâmica do consumo contemporâneo manifesta-se ainda mais amplamente pelo tipo de lógica

que promove no âmbito da vida quotidiana e que revela uma operação de conversão de questões coletivas e públicas em questões pessoais. O quotidiano seria, assim, equacionado como um conjunto numeroso de questões cuja solução se encontraria no mercado e remeteria para obrigações individuais – saber encontrar o produto, receita ou serviço mais adequados e fazer todo o esforço para os poder comprar.

Nos tempos da crise atual, constituir-se-ão muitos dos discursos existentes sobre austeridade como verdadeiramente alternativos à lógica social até aqui apontada (lembramos, por exemplo, como é vulgar contrapor o “luxuoso” ao “austero”)? A resposta é negativa se tivermos em conta dois fatores. Em primeiro lugar, se o luxo continua acessível para um grupo restrito, a proclamada austeridade torna-se um eufemismo para quem vê acrescidas as suas dificuldades para lidar com necessidades básicas. Por outro lado, muito do discurso da austeridade é formulado numa lógica que converte também o social em privado ou pessoal – daí a multiplicidade de afirmações que, em teor psicologizante, apelam a que cada um trabalhe o seu *eu* de determinada forma para ultrapassar os obstáculos com que se depara. Os discursos alternativos enfrentam fortes constrangimentos sempre que o debate se monopoliza entre empréstimos financeiros (incluindo aqueles codificados como “ajuda externa”) e as recomendações que parecem sair de livros de autoajuda.

André Brito Correia

Marxismo

Estruturado inicialmente a partir das obras de Marx e Engels, o marxismo constituiu-se como uma análise das dinâmicas do capitalismo e do modo como estas determinam as sociedades, como uma filosofia do materialismo dialético e como uma corrente socialista ancorada na ideia de emancipação e de transformação da sociedade. Cada um destes três eixos deu lugar a intensos debates, fazendo do marxismo, mais do que uma doutrina delimitada, uma raiz inspiradora de práticas políticas e posicionamentos intelectuais. Assim, em termos políticos, a par da defesa da ditadura do proletariado, desenvolveram-se caminhos que propuseram uma transição para o socialismo num quadro pluripartidário; a par da ideia de “socialismo num só país”, afirmou-se a defesa do comunismo enquanto projeto internacionalista; a par da defesa da revolução russa de 1917 e da experiência soviética,